

TAPETES BORDADOS COM AS NARRATIVAS DE SUJEITOS AFRO-BRASILEIROS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL

Sonia Regina dos **Santos** – UERJ

Agência Financiadora – CNPQ

RESUMO

Este pôster é resultado parcial de uma pesquisa em andamento que busca compreender o cotidiano escolar de crianças afro-brasileiras. Para tanto, foi elaborado um projeto de pesquisa-ação. Em forma de oficinas compartilhamos textos literários infanto-juvenis afro-brasileiros, semanalmente com alunos do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de ensino. Estes textos são utilizados na produção de outros textos, das crianças contando suas próprias histórias e em seguida na construção de tapetes bordados, como registro das narrativas orais e escritas produzidas pelos alunos. Esses objetos têm sustentado a pesquisa e nos impulsionando a apropriação de conceitos de alguns teóricos das Ciências Humanas, dentre eles : Walter Benjamin com o conceito de experiência narrável; Michel de Certeau e o cotidiano como espaço-tempo de inventividade do homem comum; Kabengele Munanga com os estudos das teorias racistas da Europa do séc. XIX e a teoria do embranquecimento discutindo a mestiçagem do povo brasileiro; Mikhail Bakhtin e as relações entre pesquisador e pesquisado.

Palavras Chave : Cotidiano Escolar. Experiências Narráveis. Identidades. Literatura Afro-brasileira.

TAPETES BORDADOS COM AS NARRATIVAS DE SUJEITOS AFRO-BRASILEIROS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL

GT 21 – Educação e Relações Étnico-Raciais
Sonia Regina dos Santos – UERJ/RJ

Este pôster é o resultado parcial de uma pesquisa em andamento que busca compreender o cotidiano escolar de crianças afro-brasileiras. Para tanto, foi elaborado um projeto de pesquisa-ação¹. Em forma de oficinas compartilhamos textos literários infanto-juvenis afro-brasileiros com alunos do Ensino Fundamental de uma determinada escola da rede pública de ensino, reunidos em uma única turma.

O projeto surgiu a partir de indagações: “*como fazer*”, como construir “*um elo, uma trama*” que pudessem responder algumas questões históricas que sempre envolveram as populações negras no Brasil e no mundo. Pensou-se então, unir o artesanato, educação e a pesquisa que de certa forma pudesse contribuir para conscientizar os alunos, para o fato de que esses sujeitos são herdeiros de outras culturas, outras histórias que vão além daquelas apresentadas pela Historiografia Oficial. Infelizmente ainda é comum em alguns currículos e na mídia a alusão ao homem e a mulher negra como figuras estereotipadas na sociedade

Uma vez posto em prática, esse projeto tem apresentado resultados favoráveis a pesquisa em questão pois, os sujeitos que se tornaram objetos de estudo, no momento em que se acontece compartilhamento de escrituras literárias afro-brasileiras também são provocados a dialogar de forma oral e escrita, no sentido de que outras narrativas emirjam trazendo suas histórias, suas memórias ou outras das quais tenham conhecimento.

Os alunos bordam suas narrativas em “*tapetes contadores de histórias*”. Esse processo nos oportuniza registrar, refletir, analisar o que está sendo narrado por esses sujeitos e juntamente com algumas apropriações de conceitos cunhados por alguns teóricos da área das Ciências Humanas, e diálogos, buscamos por compreensão da realidade que cerca o cotidiano escolar de crianças afrobrasileiras.

¹ Prática no mesmo processo de investigação.

As contribuições dos textos literários afro-brasileiros, apropriações e diálogos com os conceitos dos teóricos das Ciências Humanas.

Autores como Geni Guimarães, Conceição Evaristo, Sonia Rosa e outros se debruçam sobre a temática das populações afro-brasileiras para comporem textos literários que trazem novos elementos que re-significam as Histórias e Culturas desses sujeitos. As escrituras produzidas por esses autores dialogam com a nossa sociedade e exprimem a realidade, a identidade do nosso povo. Numa tentativa de agir para compreender o cotidiano de alunos afro-brasileiros, fazemos uso dessa Literatura afro-brasileira que nos ajuda a buscar as tramas e os fios que tecem as narrativas dos alunos com os quais compartilhamos tais escrituras.

Na dinâmica de compartilhar textos literários e produzir de Tapetes Contadores de Histórias, a partir das discussões, nos apropriamos dos conceitos de Certeau (2008), para entender que: *“O caminhar de uma análise inscreve seus passos, regulares ou ziguezagueantes, em cima de um terreno habitado há muito tempo”*. Esse mesmo autor nos atenta para às astúcias anônimas da *“arte de fazer”*, nelas residem às resistências dos sujeitos frente às imposições do dia-a-dia das esferas sociais onde estão inseridos, sendo que a de maior interesse para esta pesquisa é a escola.

Walter Benjamin no início do século XX desenvolveu as teorias da narração e da experiência e pobreza, essa última desenvolvida para interpretar a *memória involontaire* de Marcel Proust. O autor nos ensina que tentar colocar alternativas literárias em narrativas, faz perderem os valores originais, mas por outro lado servirão para salvar o que se narra de um passado, re-atualizando.

Entendemos que as narrativas dos alunos, não têm a *“experiência dos velhos, dos viajantes, daqueles que vem de longe”*. Porém, esses sujeitos são narradores, com capacidades de apropriação de um passado e de atualização no presente, a partir do ouvir e contar histórias e das tradições para eles repassadas em casa, na escola ou em qualquer outra instituição socializadora.

Observamos que os alunos com os quais trabalhamos, vêm sentido no que está sendo exposto pelos textos literários e nas provocações para registrarem suas narrativas no processo do bordado dos tapetes. As narrativas dos alunos transformam-se em fontes inesgotáveis de coleta de dados e desenvolvimento desta pesquisa. Neste sentido os tapetes funcionam como representações do tempo e o espaço das ações desses sujeitos.

Do lugar que ocupamos enquanto professores e pesquisadores podemos, perceber o quanto por razões históricas, o racismo marca de forma negativa esses sujeitos. Marcas que atravessaram séculos de não-aceitação dos sujeitos negros e atualmente ainda os atinge.

Munanga (1986) nos ajuda a compreender o porquê dessa não-aceitação, ao explicar as teorias racistas que se propagaram na Europa meados do século XIX. “*Ser branco, na época colonialista era uma qualidade normativa de humanidade, porém ser negro necessitava de uma explicação*”. Tais teorias visavam justificar e fortalecer a inferioridade do negro forjada pelos dominantes. O europeu era como um padrão para os demais povos, o parâmetro era se aproximar ou se distanciar dele.

Neste sentido, para justificar o escravismo tudo o que pertencia aos povos de origem africana era inferiorizado. Estava inventado então, o racismo científico fundamentado e relacionado aos aspectos físicos com os culturais, intelectuais e morais ocasionando a invisibilidade do sujeito.

O Brasil não ficou de fora desses pensamentos racistas que tiveram papel determinante no modo de pensar e agir da elite brasileira, pois, seus pressupostos explicariam a situação pela qual passava o “*atraso*”, no início do séc. XX. Desta forma resolveriam esse problema num conjunto de idéias e práticas relativas a um “*melhoramento da raça humana*”. O negro iria desaparecer da população brasileira através da miscigenação, que depuraria a “*raça*” e a levaria ao embranquecimento. Esse ideal fracassou, mas a ideologia proveniente desse processo histórico foi mantida no imaginário coletivo brasileiro e até hoje seus fragmentos são percebidos nas narrativas, comportamentos e ações tanto daqueles considerados negros quanto dos brancos e mestiços.

Muitos sujeitos assimilam os valores culturais do branco afastando-se de suas culturas. Ser branco significa ser humano. Entretanto no quadro social não deixaram/deixam de serem negros e, portanto excluídos. Tais assimilações são encontradas em algumas narrativas deste grupo de alunos e, outras de ordens sociais que os deixam com baixa auto-estima.

Mas também há narrativas que revelam que, ainda sem grandes conhecimentos alguns dos alunos estão numa constante tentativa de romper com o paradigma dominante em busca de reconfiguração de suas identidades.

Os conceitos Mikhail Bakhtin nos orientam para compreender os significados intersubjetivos que se mostram no cotidiano escolar desses sujeitos em questão.

Entendemos que o autor alerta que, nessa trajetória entre pesquisador e pesquisado implica a questão do “*olhar do pesquisador*”, o agir para especular e envolver “*quem olha e quem é olhado*”. Precisamos “*olhar para o outro*” e tentar, interpretar “*o olhar do outro para quem o olha*”.²

Bakhtin (1988) menciona que:

(...) a obra e o mundo nela representado penetram no mundo real enriquecendo-o, e o mundo real penetra na obra e no mundo representado, tanto no processo da sua criação como no processo subsequente da vida, numa constante renovação da obra e numa percepção criativa dos ouvintes-leitores. Esse processo de troca é sem dúvida cronotópico por si só: ele se realiza principalmente num mundo social que se desenvolve historicamente, mas também sem se separar do espaço histórico em mutação. (p.358).

Amorim (2001), ao se debruçar sobre os conceitos cunhados por Bakhtin, exemplifica o *cronotopo* (espaço/tempo) fazendo analogias com os filmes produzidos pelo cineasta iraniano Kiarostami, onde a estrada em certo tipo de romance é:

(...) o lugar onde se desenrolam as ações principais, onde se dão os encontros que mudam a vida dos personagens. No encontro, a definição temporal (naquele momento) é inseparável da definição espacial (naquele lugar). A estrada é, portanto, o lugar onde se escande e se mede o tempo da história. A cada vez que é preciso voltar a ela para que o tempo avance (p.102).

Como Amorim faz com a obra de Kiarostami, entendemos os tapetes que os alunos bordam para registrarem suas narrativas, como um *cronotopo*. Os tapetes são espaços onde se desenrolam as ações principais das quais tiramos proveito para coletar dados para a pesquisa. No processo da feitura dos tapetes acontecem encontros que transformam os alunos e nos transformam como pesquisadores. A sala de aula também é o espaço onde as narrativas emergem e cada vez que lá retornamos o tempo avança para continuarmos com a pesquisa e outras narrativas são desdobradas.

² BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Marília. *O Pesquisador e seu outro*. Bakhtin nas CIÊNCIAS Humanas. 1ª ed. São Paulo: Musa, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, vol.1).

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo, SP: Contexto, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 14ª. Petrópolis: Vozes, 2008.

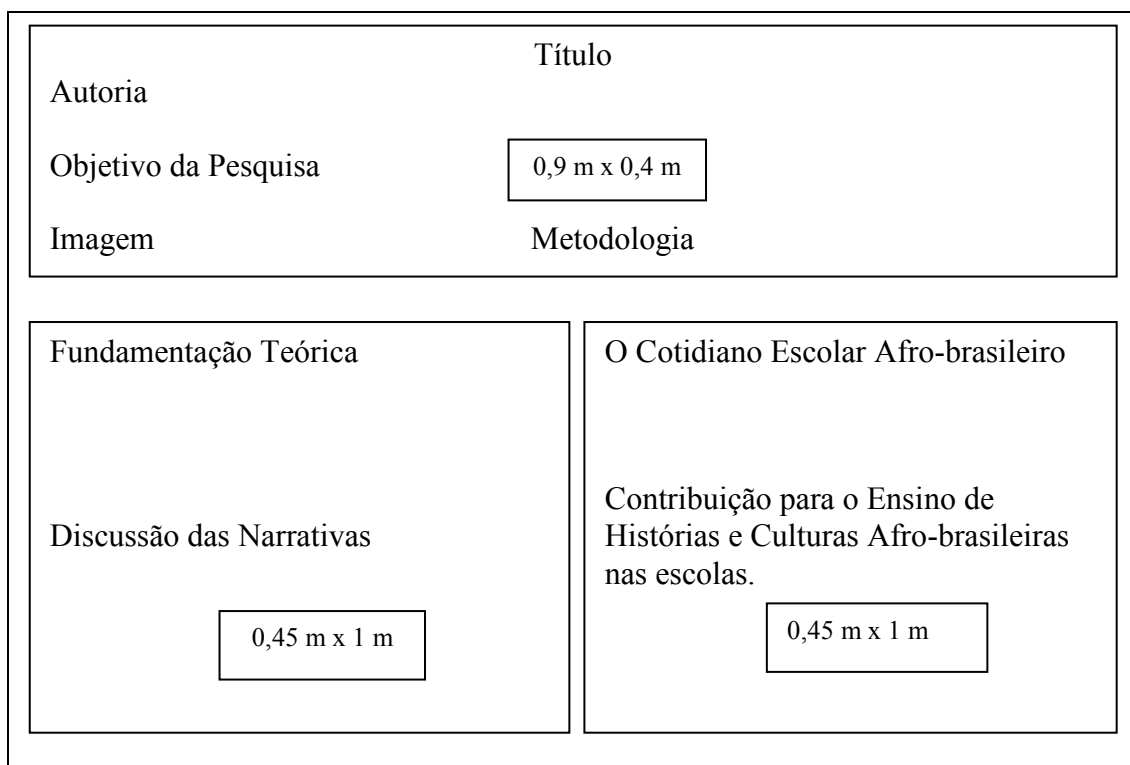
JOBIM E SOUZA, Solange. *Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas, Papirus, 1994.

MUNANGA, Kabenguele. *Negritude. Usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil*. Identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

PINHEIRO, Petrilson A. *A narrativa autobiográfica num programa televisivo religioso: um meio de (re) construção sócio-discursiva de gênero e masculinidades*. In: *Revista Entrelinhas*, São Leopoldo (RS). Ano III, nº 2, jul/dez 2006. Disponível em <http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=5&s=9&a=3> 2. Acesso em 21 dez. 2009.

VOLOSHINOV, V.N./M.M.BAKHTIN. *Discurso na vida e discurso na arte*. Tradução inédita de Cristóvão Tezza do artigo "Discourse in Life and Discourse in Art", apêndice in Voloshinov, V.N. *Freudianism: a marxist critique*. New York: Academic Press, 1976;

Esquema proposto para o Pôster

Total com as margens = Largura 1 m Comprimento 1,5 m